



---

# Papel e lugar das mulheres moçambicanas em assuntos de “Paz e Segurança”. Uma análise com base nas mulheres vítimas de violência

---

Sérgio Chichava e Júlio Rito

**RELATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO**

IESE - 2024

## **AGRADECIMENTOS**

Este relatório resulta da colaboração entre o Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE) e o Centro de Aprendizagem e Capacitação da Sociedade Civil (CESC), no âmbito do Projecto **“Elas por Elas na Paz e Segurança”**, em parceria com a ONU Mulheres e com financiamento da embaixada do Reino da Noruega. O **“Elas por Elas na Paz e Segurança”** tem como objectivo reforçar a capacidade das mulheres e raparigas afectadas por conflitos (deslocadas internas residentes em comunidades de acolhimento e mulheres ex-combatentes, esposas, viúvas e dependentes de ex-combatentes) para contribuírem e terem maior influência na construção de uma paz sustentável, resiliente, e beneficiar igualmente da prevenção de conflitos e catástrofes em Moçambique.

O IESE agradece o apoio de todas as organizações directamente envolvidas no projecto nomeadamente, CESC, ONU Mulheres e OPHENTA. Extensivos agradecimentos são dirigidos a membros das Organizações da Sociedade Civil, membros do Governo, deslocados internos, ex-guerrilheiros da Renamo, líderes comunitários e cidadãos entrevistados, que compartilharam suas histórias, experiências e percepções, tornando possível a produção deste documento.

## SUMÁRIO

O presente relatório tem como objectivo central, apresentar de forma detalhada, os resultados da pesquisa **“Elas por Elas – na Paz e Segurança”** levada a cabo pelo Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE) em parceria com o Centro de Aprendizagem e Capacitação da Sociedade Civil (CESC) e a Associação Moçambicana da Mulher e Apoio a Rapariga (OPHENTA). Implementado nas províncias de Cabo Delgado, Nampula, Sofala e Manica pela ONU Mulheres em colaboração com o Ministério do Género Criança e Acção Social (MGCAS), o projecto conta com o apoio financeiro do Governo do Reino da Noruega. De uma forma geral, a pesquisa propunha-se a analisar o impacto dos conflitos armados e das diversas formas de violência na vida das mulheres. A pesquisa tinha também como objectivo, se debruçar sobre o papel, lugar e importância da mulher nos processos de diálogo e resolução de conflitos, particularmente, os que directamente lhes afectam. Com base nos testemunhos recolhidos nos diferentes locais de pesquisa, parte significativa das mulheres vítimas dos conflitos armados e outras formas de violência, desconhece o papel da mulher como actor preponderante na prevenção, mitigação de conflitos e promoção da paz no seio das comunidades, delegando este papel aos homens. Os homens também de uma forma geral, não reconhecem a mulher como actor importante na promoção da paz e coesão social. A situação é mais acentuada nas zonas rurais onde há maior índice de analfabetismo, pouca circulação de informação e fraco acesso aos serviços públicos. Embora haja progressos notáveis no que diz respeito a participação das mulheres em posições políticas decisórias, graças ao esforço das autoridades moçambicanas e de outros actores não estatais, o seu envolvimento nos processos de “Paz e Segurança” e espaços de tomada de decisão, é pouco visível.

O relatório apresenta também um conjunto de recomendações para os decisores públicos e diversos actores que lidam com as mulheres afectadas pelo conflito armado e violência de uma forma geral. As recomendações também vão também para actores ou instituições que se dedicam à prevenção e combate contra a violência contra a mulher; à promoção da igualdade de género e ao empoderamento da mulher.

## LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

<b>CCL</b>	Conselhos Consultivos Locais
<b>CESEC</b>	Centro de Aprendizagem e Capacitação da Sociedade Civil
<b>CGRN</b>	Comitê de Gestão de Recursos Naturais
<b>CICV</b>	Comitê Internacional da Cruz Vermelha
<b>CIP</b>	Centro de Integridade Pública
<b>DDR</b>	Desarmamento, Desmobilização e Reintegração
<b>FRELIMO</b>	Frente de Libertação de Moçambique
<b>GCR</b>	Girls Child Rights
<b>GMPIS</b>	Grupo de Mulheres de Partilha de Ideias de Sofala
<b>IESE</b>	Instituto de Estudos Sociais e Económicos
<b>JMR</b>	Junta Militar da Renamo
<b>LWB</b>	Lawyers Without Borders
<b>MGCAS</b>	Ministério do Género Criança e Acção Social
<b>MPS</b>	Mulher, Paz e Segurança
<b>OCHA</b>	United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>OPHENTA</b>	Associação Moçambicana da Mulher e Apoio a Rapariga
<b>OSC</b>	Organizações da Sociedade Civil
<b>PMA</b>	Programa Mundial Alimentar
<b>RENAMO</b>	Resistência Nacional de Moçambique
<b>SEPPA</b>	Sociedade Económica de Produtores e Processadores Agrários
<b>UNSC</b>	The United Nation Security Council
<b>UNSDG</b>	United Nations Sustainable Development Group

## Lista de Tabelas

Tabela 1- Entrevistas em Cabo Delgado .....	7
Tabela 2 - Entrevistas em Sofala.....	8
Tabela 3 - Entrevistas em Nampula.....	9

## Índice

INTRODUÇÃO.....	5
ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	6
RESULTADOS POR PROVÍNCIA.....	10
CABO DELGADO .....	10
SOFALA .....	13
NAMPULA .....	15
Mulheres Internamente deslocadas .....	15
Mulheres ex-guerrilheiras .....	16
Mulheres Viúvas.....	17
Mulheres e Filhos de Ex-combatentes .....	17
Mulheres com Deficiências .....	17
Mulheres Chefes de Família.....	18
Conclusão.....	19
RECOMENDAÇÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS.....	20
RECOMENDAÇÕES PARA PESQUISA.....	20
REFERÊNCIAS.....	21
Anexos: .....	22
Guião dos Questionários das entrevistas.....	22
Imagens .....	25

## INTRODUÇÃO

Desde a sua independência em 1975, Moçambique tem sido assolado por vários conflitos armados com impacto considerável na vida das mulheres. Entretanto, a participação da mulher nos processos de resolução e mediação de conflitos armados, é ainda pouco significativa. A situação torna-se mais preocupante ainda, quando a mulher é também a principal vítima das diversas formas de violência em Moçambique<sup>1</sup>. De acordo com a United Nations Sustainable Development Group (UNSDG), 80% dos casos de violência reportados em Moçambique são contra as mulheres (UNSDG 2024). É com vista a contribuir para a inclusão da mulher nestes processos, particularmente aqueles que directamente lhes afecta que surge o projecto “Elas por Elas na Paz e Segurança”. Implementado por um consórcio composto pelo Centro de Aprendizagem e Capacitação da Sociedade Civil (CESC)<sup>2</sup>, Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE)<sup>3</sup> e a Associação Moçambicana da Mulher e Apoio a Rapariga (OPHENTA)<sup>4</sup> em parceria com a ONU Mulheres e com o apoio financeiro do governo do Reino da Noruega. Este projecto tem como objectivos: (1) Capacitar as mulheres e os defensores da igualdade de género para terem maior influência na tomada de decisões em processos políticos, de paz e de segurança, contribuir para a resposta a crises e criar resiliência; (2) Reforçar a capacidade do Governo de Moçambique para implementar os compromissos em matéria de Mulheres, Paz e Segurança (MPS) e assegurar a integração de quadros de monitorização e responsabilização a nível nacional, regional e provincial; 3) Promover uma maior coordenação da implementação dos compromissos em MPS .

Para a implementação do projecto, foram seleccionadas as províncias de Cabo Delgado (distritos de Montepuez, Chiúre e Ancuabe), Sofala (distritos de Chibabava, Nhamatanda e Cheringoma), Nampula (distrito de Meconta) e Manica (distrito de Bârué). Estas províncias, foram escolhidas por terem um número considerável de mulheres afectadas pelos conflitos armados.

**Cabo Delgado:** devido aos ataques armados contra civis e instituições do Estado por parte de um grupo armados não estatais desde 5 de outubro 2017, conta com o maior número de deslocados internos no país. Dados da OIM indicam que em Agosto de 2024, havia 208.690 deslocados internos na província de Cabo Delgado. Deste número, 53% são mulheres e crianças de sexo feminino (IOM MOZAMBIQUE 2024).

**Sofala:** uma das províncias mais fustigadas por vários conflitos militares, nomeadamente a “guerra civil” (1977-1992) e os conflitos político militares entre 2013-2017, ambos opondo o governo e a Renamo e os conflitos entre a autoproclamada Junta Militar da RENAMO (JMR) e o Governo entre 2019-2021<sup>5</sup>. Devido ao último conflito, centenas de pessoas perderam seus bens e familiares. A estes, juntam-se as vítimas dos ciclones Idai e Eloise, fazendo de Sofala, a província com mais deslocados internos depois de Cabo Delgado<sup>6</sup>. De acordo com a OIM, no início de 2024, havia em Sofala, 79,730 deslocados internos em Sofala, maioritariamente afectados por desastres naturais. Deste número, 79% eram mulheres e crianças (OIM MOZAMBIQUE 2024b). Igualmente, Sofala contava com cerca de 3000 ex-combatentes da Renamo, o maior contingente no país abrangido pelo processo de DDR (Wiegink 2015).

<sup>1</sup>Para mais detalhes ver por exemplo, LWB Canada (2019)

<sup>2</sup>O CESC é uma organização da sociedade civil fundada em 2009 que tem como missão fortalecer a capacidade de participação activa do cidadão e das organizações da sociedade civil nos processos de desenvolvimento socioeconómico e político. Como a organização líder do consórcio o CESC tem como função a gestão integrada do projecto, e contacto com os financiadores. Assim como a gestão financeira do projecto, monitoria e controle das actividades do projecto.

<sup>3</sup>O IESE é uma organização de pesquisa independente fundada em 2007, que tem como objectivo realizar investigação científica, através dela, produzir conhecimento e capacidade intelectual e alimentar o debate público sobre questões do desenvolvimento económico, social e político de Moçambique. No projecto, o IESE tem como função a produção de produtos de conhecimento, tais como Policy Briefs, documentar histórias de vida, participar e organizar eventos e debates em torno do papel da mulher nos processos de tomada de decisão sobre paz e segurança.

<sup>4</sup>A OPHENTA – Associação Moçambicana da Mulher e Apoio a Rapariga, é uma organização não governamental constituída em 2017 e sediada em Nampula, tem como missão promover a igualdade de género, justiça social, económica e combate à violência. Como membro do consórcio a OPHENTA tem o papel de implementação do projecto nos distritos, mapear e contactar os grupos de mulheres beneficiárias do projecto nas comunidades.

<sup>5</sup>A JMR foi um grupo formado por dissidentes da Renamo que não reconheciam o actual líder da Renamo, Ossufo Momade, eleito em 2019 como presidente daquele partido em substituição do falecido Afonso Dhlakama.

<sup>6</sup>Os ciclones tropicais Idai (2019) e Eloise (2021) atingiram Moçambique, e com severidade tendo causado dezenas de mortos e feridos e milhares de desalojados.

**Nampula:** A seguir à Cabo Delgado, Nampula é a província que mais acolhe deslocados internos atingidos pelo conflito armado que afecta o norte de Moçambique. Igualmente, alguns distritos de Nampula tem sido esporadicamente vítimas de ataques do Al Shabaab. Dados de Junho de 2024 apontam que a província de Nampula albergava cerca de 4,725 deslocados internos oriundos de Cabo Delgado, na sua maioria (55%), mulheres e crianças de sexo feminino (IOM MOZAMBIQUE 2024a).

## **ASPECTOS METODOLÓGICOS**

A produção deste relatório consistiu no uso de métodos qualitativos, nomeadamente a revisão de literatura e realização de entrevistas semi-estruturadas. A revisão de literatura consistiu na análise de relatórios de pesquisa e artigos de imprensa sobre (i) o impacto dos conflitos militares nas mulheres e (ii) a participação das mulheres nos espaços de tomada de decisão e resolução de conflitos.

Por seu turno, as entrevistas decorreram entre Outubro a Dezembro de 2023, abrangendo três províncias nomeadamente: Cabo Delgado (Montepuez) de 28 de Outubro a 12 de Novembro, Sofala (Nhamatanda) de 13 a 22 de Novembro e Nampula (Meconta) de 05 a 15 de Dezembro. Tinham sido previstas 30 entrevistas por província, o que totalizaria 90 para as três províncias. Contudo, devido a vários constrangimentos que serão mencionados ao longo deste trabalho, foi apenas possível realizar 70 entrevistas.

A equipa de pesquisa era composta por um pesquisador sénior; um assistente de pesquisa, e três assistentes locais (um para cada província). O conhecimento das línguas locais e a facilidade no acesso as fontes a serem entrevistadas foram aspectos importantes no recrutamento dos assistentes locais. De referir a participação do pesquisador principal em todas as entrevistas realizadas durante o trabalho de campo, onde recolheu-se imagens, vídeos e áudios das entrevistas que permitiram a produção de transcrições que subsidiaram a produção de Policy Briefs, histórias de sucesso, assim como a produção do presente relatório de pesquisa.

Os entrevistados foram seleccionados em coordenação com organizações parceiras a nível local que facilitaram o acesso a informações chaves, assim como potenciais entrevistados para o sucesso do trabalho de campo.

**Em Cabo Delgado**, foram realizadas 28 entrevistas: 18 com mulheres e duas com homens internamente deslocados pelo conflito armado. Dentre as 18 mulheres internamente deslocadas, duas também eram líderes dos seus respectivos grupos de deslocado. As entrevistas abrangeram ainda, uma mulher líder de uma associação de uma cooperativa feminina de agricultura; ; quatro líderes de organizações membros da Plataforma da Sociedade Civil em Montepuez que trabalham com as vítimas dos conflitos armados; uma entrevista com o Chefe do Posto de Namanhumbir - Sede , e duas entrevistas com dois chefes das aldeias dos locais de acolhimento.

**Tabela 1 - Entrevistas em Cabo Delgado**

Distrito	número e perfil das pessoas entrevistadas	Total Homens	Total Mulheres
Montepuez	20 entrevistas a pessoas internamente deslocadas .	2	18
	1 entrevista com líder local de umacooperativa de avicultura c	0	1
	4 entrevistas com líderes de organizações membros da Plataforma da Sociedade Civil em Montepuez .	1	3
	1 entrevista com o Chefe do Posto Administrativo de Namanhumbir – Sede	1	0
	2 entrevistas a Chefes das aldeias dos locais de acolhimento	2	0
<b>Total de pessoas entrevistadas</b>		6	22

Para a província de Cabo Delgado, registaram-se algumas dificuldades para realizar entrevistas nomeadamente a não concessão de credenciais pelas estruturas do Estado a nível do distrito de Ancuabe. Este facto, fez com que se optasse em trabalhar no distrito de Montepuez, que também faz parte dos distritos abrangidos pelo projecto. Em Montepuez, a administração do distrito mostrou disponibilidade em ajudar a equipe de pesquisa e facilitou o processo de credenciação.

A equipa de pesquisa ainda se deparou com o que pode chamar de “fadiga da pesquisa”. No decurso das conversas e entrevistas algumas mulheres internamente deslocadas mostraram-se agastadas pois segundo elas, estão sempre a serem entrevistadas sobre os mesmos assuntos mais não estão a ver o benefício material dessas entrevistas. Isto levou a que algumas se recusassem a ser entrevistadas ou exigissem algo (em geral, ajuda financeira) aos entrevistadores. Para lidar com esta situação, os pesquisadores optaram um discurso que não criasse falsas expectativas ou falsas promessas aos entrevistados, enfatizando apenas a importância e objectivos da pesquisa.

Outro desafio, refere-se ao contexto e impactos dos conflitos armados que se vive nos locais onde foram conduzidas as entrevistas. Pelo facto de as entrevistadas estarem em uma situação crítica, em virtude de terem sido violentadas física e psicologicamente, perdido familiares e bens materiais devido ao conflito e aos traumas decorrentes dos ataques armados, várias vezes, as entrevistadas se emocionaram durante as entrevistas, e nalguns casos, não foi possível concluir as entrevistas.

**Em Sofala (Nhamatanda)** foram feitas 17 entrevistas, sendo 14 com mulheres vítimas da “guerra civil” dos 16 anos (1977-1992), mulheres ex-guerrilheiras da FRELIMO, mulheres vítimas do conflito político militar (2013-2017), mulheres vítimas do conflito entre a auto-proclamada Junta Militar da RENAMO (JMR) e o Governo (2019-2021), uma entrevista com membros da Sociedade Civil na cidade da Beira e uma entrevista com a formadora das “Sentinelas da Paz, em Nhamatanda. Não foi possível entrevistar ex-guerrilheiras da RENAMO, por razões internas da parte deste partido.

Destacar que algumas destas pessoas entrevistadas em Sofala, também foram vítimas dos ciclones Iдай e Eloise.

Tabela 2 - Entrevistas em Sofala

<b>Distrito</b>	<b>Número e perfil dos entrevistados</b>	<b>Total Homens</b>	<b>Total Mulheres</b>
Nhamatanda	14 Entrevistas a Mulheres ex-guerrilheiras da Frelimo	0	14
	1 Entrevista ao Grupo de Mulheres de Partilha de Ideias de Sofala (GMPIS).	0	2
	1 Entrevistas a formadora das “Sentinelas da Paz”	0	1
Total de pessoas entrevistadas		0	17

**Em Nampula (Meconta)** foram feitas 25 entrevistas, sendo 21 com as “Sentinelas da Paz” formadas pela OPHENTA, que obedeciam ao seguinte perfil: mulheres chefes de família (três); mulhere com deficiência (uma); mulheres viúvas (duas); mulheres internamente deslocadas (seis); mulheres nativas (cinco); mulheres ex-guerrilheiras da Frelimo (duas); filhas de ex-combatentes (uma); e esposas de ex-combatentes da Luta de Libertação Nacional (uma). Em Meconta, foram também entrevistados outros intervenientes do projecto nomeadamente: membros da OPHENTA, e da Girls Child Rights (GCR)<sup>7</sup>.

<sup>7</sup>Girls Child Rights (GCR) é a organização responsável pela componente do empoderamento económico das mulheres beneficiárias do projecto.

Tabela 3 - Entrevistas em Nampula

<b>Distrito</b>	<b>número e perfil dos entrevistados</b>	<b>Total Homens</b>	<b>Total Mulheres</b>
Meconta	3 Entrevistas a mulheres chefes de família	0	3
	1 Entrevista a mulher deficiente	0	1
	2 Entrevistas a mulheres viúvas	0	2
	6 Entrevistas a mulheres internamente deslocadas	0	6
	5 Entrevistas a mulheres nativas	0	5
	2 Entrevistas a mulheres ex-guerrilheiras da Frelimo	0	2
	1 Entrevista a ex - esposa de um antigo combatente da Luta de Libertação Nacional	0	1
	1 Entrevista a uma filha de um antigo combatente da Luta de Libertação Nacional	0	1
	1 Entrevista com a Formadora das "Sentinelas da Paz" em Meconta	0	1
	1 Entrevista com a Facilitadora da Girls Child Rights (GCR),	0	1
	1 Entrevista com representantes da OPHENTA	0	1
1 Entrevista virtual com a representante da Girls Child Rights (GCR)	0	1	
<b>Total de Pessoas entrevistadas</b>		<b>0</b>	<b>25</b>

Cabe destacar o apoio e a coordenação entre a equipe de pesquisa e as organizações envolvidas no consórcio, que foi decisiva para o sucesso desta pesquisa.

Durante o trabalho de campo em Sofala, podemos destacar a boa colaboração que tivemos do Grupo de

Mulheres de Partilha de Ideias de Sofala (GMPIS), que permitiu o contacto com as potenciais mulheres a serem entrevistadas e OPHENTA em Nampula que auxiliou no acesso as “Sentinelas da Paz” que já tinham sido beneficiadas pela formação ao nível do distrito de Meconta. Destacar também o papel do CESC que esteve por detrás da coordenação e comunicação entre os actores envolvidos na pesquisa.

## **RESULTADOS POR PROVÍNCIA**

De modo a se ter uma visão mais clara sobre a mulher em situação de conflitos armados e sobre o seu papel nos processos de paz e mediação de conflitos, apresentam-se os resultados por cada província.

### **CABO DELGADO**

Como referido, em Cabo Delgado, a pesquisa foi realizada no distrito de Montepuez. A equipe de pesquisa trabalhou com as mulheres internamente deslocadas vítimas do conflito armado em Cabo Delgado, que se encontram em Namanhumbir-sede, Nanhupo A, Nanhupo B, das entrevistas procurou-se perceber a relação entre as mulheres internamente deslocadas com as comunidades acolhedoras, suas percepções sobre o conflito armado, condições de vida, principais dificuldades e sobre a situação da mulher de uma forma geral como já referido acima dentre os deslocados internos, grande parte são mulheres, adolescentes e crianças, sendo os grupos mais vulneráveis. Segundo os entrevistados esta situação, deve-se ao facto de que durante os ataques, os homens serem as maiores vítimas mortais e os mais recrutados para se juntar aos grupos armados não estatais. Por outro lado, estes grupos têm sequestrado mulheres mais jovens para servirem de objecto sexual, sendo que as mais velhas são mortas ou obrigadas a fugir.

Durante as entrevistas as mulheres internamente deslocadas afirmaram que a relação com as comunidades acolhedoras é tensa; que em situações em que há problemas nas comunidades devido a roubos, desavenças nas casas e barracas, a culpa é muitas vezes atribuída aos deslocados internos. Contudo, esta percepção entre os deslocados internos, não é partilhada pelas autoridades locais e comunidades nativas, que defendem que a relação entre as partes é saudável.

As mulheres internamente deslocadas afirmam que sofrem restrições no acesso aos fontanários públicos, e constantemente são ditas para regressar a sua terra natal pois o conflito já terminou.

Por seu turno, as mulheres viúvas afectadas pelo conflito armado sentem que são as que mais sofrem as consequências do conflito, pois tem de cuidar dos seus filhos, e de filhos dos seus familiares mortos durante os ataques. E também afirmam que são vistas como ameaça por parte das mulheres nativas que as acusam de roubar os seus maridos e colocar em causa a estabilidade dos seus lares.

A principal preocupação diária das mulheres internamente deslocadas, assim como os deslocados no seu todo, é o acesso a alimentação. Foram obrigados a abandonar os seus bens e fontes de renda, e enquadrar-se num contexto totalmente diferente.

Durante os primeiros anos do conflito armado, os deslocados internos dependiam de ajuda e apoio humanitário, que não acontece a sensivelmente dois anos. Por exemplo, o Programa Mundial Alimentar (PMA) anunciou a interrupção temporária da ajuda humanitária às províncias de Cabo Delgado, Nampula e Niassa por falta de fundos (VOA Moçambique, 2023). Este cenário, obrigou as mulheres a procurarem formas de rendimento, que em alguns casos eram totalmente diferentes das praticadas nas zonas de origem, onde algumas mulheres provenientes de distritos costeiros (Macomia, Quissanga, Palma e

Mocímboa da Praia) dependiam estritamente de actividades relacionadas com a pesca, mas em Montepuez adaptaram-se a actividades como agricultura, corte de lenha e bambu e à queima de carvão vegetal.

As mulheres internamente deslocadas afirmam encontrar problemas no acesso à terra para a prática da agricultura; que nos casos em que tem acesso à terra, esta, não é fértil e encontra-se distante dos centros de reassentamento. As mulheres também relatam casos em que os nativos cedem a terra aos deslocados, mas momentos antes da colheita, ou depois de feita a limpeza para o plantio, são arrancadas as terras ou são ditas para pagar o aluguer. Os valores de aluguer das machambas variam entre 2000 a 2500 meticais;

*“Aqui estamos a sofrer por não ter um sítio para fazer machamba; se a pessoa souber que essa machamba é boa não vai te dar. Dizem que é para alugar; mas nós não temos dinheiro. São 2500 meticais o aluguer da machamba. (Entrevista com A.S, Montepuez, 4.11.2023)”*

Algumas mulheres internamente deslocadas fazem biscates nas machambas de produtores locais e estrangeiros; outras mulheres internamente deslocadas são obrigadas a prostituir-se em troca de algo para comer, sobretudo adolescentes e mulheres viúvas<sup>8</sup>:

*Há muitas viúvas aqui, que perderam maridos [devido a guerra], depois perderam irmãos e depois tem que ficar a cuidar dos filhos, as vezes dos irmãos dos tios.. Essas mulheres não trabalham, então como é que essas mulheres vivem? Há gravidezes indesejadas, a mulher esta sempre numa posição frágil. Nestes contextos de extrema pobreza, de extrema vulnerabilidade, são aproveitadas, por homens que tem um certo poder, que trabalham, são abusadas e aproveitam-se delas (Entrevista com Z.S, Montepuez, 3.11. 2023)”*

Uma das consequências da prostituição é a existência de vários casos de adolescentes grávidas ou com doenças de transmissão sexual nos campos dos deslocados. Também, tem se verificado um número crescente de casos de assédio e abuso sexual a adolescentes deslocadas por parte de homens nativos e estrangeiros. Como consequência, estas ficam grávidas e abandonam a escola. Uma adolescente afectada pelo conflito armado e residente num dos campos de deslocados em Montepuez, conta as razões que a levaram se prostituir:

*“Querida comprar comida, mas quando mamã descobriu, e perguntou-me onde consegui o dinheiro. Eu calei. Ele dava me 700 meticais, Era um Boss. Fiquei grávida. Quando mamã descobriu foi queixar no Comando e ele fugiu. Eu deixei de ir para escola (Entrevista com R.J, Montepuez, 2.11.2023)”*

As mulheres internamente deslocadas também reportam casos de assédio sexual pelos responsáveis da distribuição da ajuda humanitária. foram reportados casos de divórcios em virtude do assédio sexual que estas mulheres sofrem. Os maridos sentem-se desprezados e impotentes e afirmam que tem reportado estes casos junto das autoridades, mas estas pouco fazem para resolver o problema.<sup>9</sup>

Para além das dificuldades acima mencionadas, as mulheres internamente deslocadas também se debatem com a falta de produtos de higiene íntima e roupa interior.

Esta situação, coloca as mulheres internamente deslocadas numa posição de inferioridade em relação às

<sup>8</sup>Biscates, refere-se a pequenos trabalhos eventuais que as mulheres internamente deslocadas fazem nas machambas e casas de estrangeiros e comunidades acolhedoras.  
<sup>9</sup>Para um estudo detalhado sobre o assunto, ver (CIP, 2023).

mulheres nativas. Sem condições para adquirir estes produtos, as mulheres internamente deslocadas, passam por situações indescritíveis quando chega o período menstrual. Para além de sentirem vergonha, são desprezadas pelos homens dos locais de acolhimento pois estes afirmam que elas não são higiénicas.

Tendo em conta a incerteza quanto ao fim do conflito armado, dificuldades de aceder à ajuda humanitária e a consequente deterioração das condições de vida nos centros de reassentamento, algumas mulheres estão a sair dos centros para se inserirem nas comunidades, seja arrendando uma casa, ou obtendo um espaço para construir a sua casa. Estes casos foram verificados na comunidade de Nanune, e mostram alguns sinais de aproximação entre os deslocados internos e as comunidades acolhedoras.

No que se refere a aproximação das mulheres internamente deslocadas às comunidades, assim como à sua reintegração social, verificou-se que a violência física e psicológica que elas sofreram durante os ataques, o afectou a sua saúde mental. Igualmente, existe o receio de voltar às zonas de origem, mesmo que estas sejam consideradas seguras pelas autoridades. As vítimas relatam ter visto os seus maridos a serem decapitados, suas cabeças espetadas em paus e entregues a elas, partes dos seus corpos cozidos para servir de alimento. Os impactos da violência que as mulheres sofreram ainda são tão fortes que algumas mulheres não conseguem aceitar a perda, têm dificuldades de sono e pesadelos. Em alguns casos, as mulheres entrevistadas afirmaram que em condições nenhuma irão regressar as suas zonas de origem por medo daquilo que vivenciaram.

No que se refere a ajuda e apoio humanitário aos deslocados internos, as mulheres internamente deslocadas foram unânimes em afirmar que a mesma tem beneficiado mais os nativos ou famílias acolhedoras. Avançam que na fase inicial da ajuda humanitária aquando da sua chegada aos centros de reassentamento e as comunidades acolhedoras, os deslocados internos eram representados pelos seus líderes que testemunhavam a sua condição de deslocado. Entretanto, as autoridades locais transferiram este poder aos líderes locais e chefes das aldeias que passaram a fazer as listas, com isso o número de deslocados que recebia apoio reduziu em comparação com os nativos considerados acolhedores, aqueles que apoiaram os deslocados aquando da sua chegada. Como exemplo, no centro de reassentamento de Nanhupo A, a equipe de pesquisa soube que até ao momento da pesquisa, existiam 1509 famílias deslocadas, sendo que destas, apenas 200 recebiam apoio. Entretanto, na mesma comunidade havia 300 famílias nativas que recebem apoio das mesmas organizações que apoiam os deslocados internos

Por outro lado, as mulheres internamente deslocadas afirmam que a situação piorou quando se introduziu um sistema de cartões – cheque liderado pela Sociedade Económica de Produtores e Processadores Agrários SEPPA<sup>10</sup>, os deslocados internos foram entrevistados e fotografados para a produção de um “cartão – cheque”. Neste processo, as mulheres internamente deslocadas, relatam, que os que não conseguiam responder as perguntas que confirmavam a sua condição de deslocado eram consideradas ilegíveis para receber ajuda e os seus nomes não eram inscritos nas listas para a produção dos cartões.

Segundo as mulheres, este programa as prejudicou porque a maioria dos cartões – cheque produzidos vinham em nome dos seus maridos que, alguns deles, ao receber os produtos da ajuda, vendiam ou usavam para conquistar outras mulheres. Esta situação, tem resultado em muitos divórcios e separação entre os deslocados internos.

Em relação à participação das mulheres nos órgãos de tomada de decisão a nível local, membros das OSC

<sup>10</sup> A fundação SEPPA é uma instituição de solidariedade social que tem como objectivo contribuir para o desenvolvimento sustentável das comunidades de base, com particular atenção para a ajuda humanitária visando a elevação das condições de vida da população.

em Montepuez afirmam que ao nível do distrito de Montepuez nota-se uma crescente participação das mulheres nos órgãos de tomada de decisão a nível local como por exemplo Conselhos Consultivos Locais (CCL) e Comitês de Gestão de Recursos Naturais (CGRN)<sup>11</sup>. Entretanto, sublinham que persistem desafios, visto que muitos ou quase nenhum CC ou CGRN daquele distrito é dirigido por uma mulher e são todos dominados por homens.

*“Nos campos de deslocados, a maior parte dos chefes são homens. Então, muitas vezes, os problemas que afectam as mulheres são pouco tratados. Mesmo para falar sobre as causas da guerra. Nós estamos a aconselhar para ver este aspecto. Também dizemos as mulheres para não ter medo de falar. Dizemos aos homens para dar palavra às mulheres. Já há mudanças, pequenas, mas estamos a ver”. Graças a nossa intervenção, mesmos nos conselhos consultivos, a maior parte eram só homens e esses homens eram chefes, mas agora por exemplo aqui em Namanhumbir, o conselho consultivo do posto tem lá oito mulheres (Entrevista com J.D., Montepuez, 7.11.2023)”*

Algumas das mulheres que fazem parte destes órgãos afirmam que os seus maridos acham que deviam ficar em casa a cuidar da família, ou seja, fazem-no contra a vontade dos seus esposos. Afirmam também, que os critérios para integrar estes fóruns (CCL e CGRN) são duvidosos, acreditando haver “troca de favores”. Igualmente, as mulheres não percebem o papel que podem jogar nestes fóruns e muitas vezes, receiam contrariar os homens ou dar a sua opinião. Por seu turno, os homens que fazem parte destes fóruns, acreditam que a mulher deve ater-se ao trabalho doméstico e agricultura; que assuntos de “Paz e Segurança” devem ser resolvidos pelos homens. Aliás, as próprias mulheres afirmam que quem provoca “guerras” ou conflitos no mundo são os homens, por isso devem ser eles a resolvê-los.

Entretanto, esta percepção também começa a mudar graças ao projecto **“Elas por Elas. – na Paz e Segurança”** como mostra o testemunho de uma “Sentinela da Paz” em Meconta – Sede:

*“Aqui no bairro havia falta de água. Tem uma torneira aqui. Aquela torneira desde de manhã até o período da tarde estava fechada. Eu saí, ouvi na formação a dizerem que quando você ver uma coisa que não está bem, tem que ir explicar. Saí até ao Gabinete do Administrador do distrito, e pedi para falar com ele, sobre a falta de água. Ele perguntou-me, a torneira está estragada? Eu disse que não. A pessoa que está lá, é que não abre água. O administrador fez uma reunião. A água já está aí, já temos água. Abrem as cinco horas (L. C.Meconta – Sede, 13.12.23)”*

Os testemunhos das “Sentinelas da Paz” são um exemplo de como projectos como o “Elas por Elas na Paz e Segurança” podem transformar vidas e comunidades, capacitando mulheres a serem agentes de mudança e defensoras dos direitos humanos.

## **SOFALA**

A província de Sofala apresenta um contexto particular, pois foi marcado por vários conflitos, a “guerra civil” (1977-1992), os conflitos políticos – militares entre RENAMO e o Governos (2013-2017), e entre a auto proclamada Junta Militar da RENAMO (JMR) e o Governo (2019-2021). Para além dos conflitos militares, Sofala tem sido severamente assolado por calamidades naturais e as mulheres são também as que mais sofrem. A passagem dos ciclones Idai e Eloise em 2019 e 2021, testemunham esta vulnerabilidade.

<sup>11</sup> Definidos como os espaços de participação e de consulta comunitárias, os CCL foram criados através da Lei 8/2003, os CGRN foram criados pela Lei 10/99, e são definidos como espaços através dos quais comunidades garantem uma exploração e gestão sustentável dos recursos naturais.

Actualmente, regista-se um calar das armas, mas as sequelas físicas e psicológicas destes conflitos ainda estão presentes, principalmente na vida das mulheres.

Durante o trabalho de campo, foi possível constatar que as mulheres vítimas dos conflitos armados fazem apresentações por meio de danças e cânticos que retratam os momentos vividos pelas mulheres durante a “guerra civil” e durante os conflitos político – militares. Segundo as ex-guerrilheiras estas manifestações artísticas, servem de terapia para o esquecimento dos traumas causados pelos conflitos. As mulheres criaram também aquilo que consideram “grupo de riso” onde elas se encontram e por meio de piadas e comédia procuram se divertir para esquecer as marcas deixadas pelo conflito armado.

*“Muitas vezes, para cada mãe, esquecer um pouco o que aconteceu, costumamos fazer ensaios no fim de semana, criar grupos de dança e teatro e outras actividades em grupo. E falámos coisas de riso, de brincadeiras e essas coisas todas para elas tentarem esquecer o que aconteceu durante a guerra, para não ficarmos malucas (Entrevista com D.T., Nhamatanda, 16.11.2023)”*

As marcas da “guerra civil”, ainda são tão fortes que durante as entrevistas algumas mulheres se emocionaram, e entrevistas tiveram que ser interrompidas. Uma das entrevistadas, perdeu cinco filhos durante este conflito armado. A desestruturação das famílias, o uso da mulher como instrumento de satisfação sexual, a perda dos bens e os traumas decorrentes destas formas de violência são algumas consequências do conflito armado na vida das mulheres.

Estes factos, mostram a importância do apoio psicossocial das mulheres vítimas dos conflitos armados, que vem sendo negligenciado, mas desempenha um papel importante na reintegração social das vítimas.

Das 14 mulheres ex-guerrilheiras entrevistadas, 12 afirmam que o seu papel durante a “guerra civil” dos 16 anos não está a ser devidamente reconhecido em comparação com os homens, embora tenham desempenhado um papel preponderante durante os conflitos armados.

Segundo as mulheres ex-guerrilheiras, existe uma narrativa de que durante a “guerra civil” dos 16 anos, o papel da mulher era relegado a confecção de refeições, instrumento de satisfação sexual e cuidar dos feridos, facto que as tem excluído do acesso a pensão:

*Durante a guerra, eu e outras companheiras, ajudamos muito; tratar dos doentes, feridos, cozinhar e mesmo combater. Mas hoje estamos abandonadas. Se os nossos antigos colegas [homens] também; para nós é pior...a maioria não tem marido, não tem pensão. Só vive só.....(Entrevista com D.T., Nhamatanda, 20.11.2023).*

As ex-guerrilheiras afirmam que na sua maioria não estão a ser abrangidas pelo processo de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (DDR), e conseqüentemente não estão a receber as pensões.

A situação das ex-guerrilheiras é mais penosa para as deficientes, principalmente as da Renamo, que para além de não receberem pensão em virtude de terem participado nos diferentes conflitos armados, não recebem ajuda em virtude da sua condição física e sofrem de discriminação:

*“Tive esta deficiência durante a guerra. Nunca tive apoio. Minha família é pobre. Não tenho marido Não tenho filhos...Estou a espera de receber pensão. Disseram para esperar, mas já passa muito tempo. Nem dinheiro para comer, nem para ir ao hospital(Entrevista com S.T., Nhamatanda, 20.11.2023).*

De uma forma geral, as mulheres ex-guerrilheiras, particularmente, as militantes da Renamo, são as que mais sofrimento estão sujeitas, no seio dos antigos combatentes das guerras que opuseram o Estado moçambicano e aquele antigo movimento rebelde.

## **NAMPULA**

Em Nampula, o trabalho de campo incidiu no distrito de Meconta, onde como referido, vivem muitos deslocados vítimas do conflito armado em Cabo Delgado. Neste distrito, para além das mulheres internamente deslocadas, deficientes, ex-guerrilheiras, viúvas, nativas, chefes de família, esposas e filhas de ex-combatentes e mulheres portadoras do HIV/SIDA<sup>12</sup>.

### **Mulheres Internamente deslocadas**

Para o caso de Nampula, as mulheres internamente deslocadas do conflito armado em Cabo Delgado que a equipe de pesquisa entrevistou viviam em casas arrendadas no posto administrativo de Namialo, grande parte delas eram viúvas vivendo com os seus filhos e outros membros da família.

As mulheres entrevistadas apontam para dificuldade de alimentação, e como forma de sobreviver fazem pequenos biscates. A sua relação com a comunidade acolhedora é estável, mas as mulheres internamente deslocadas de origem maconde, afirmam sofrer uma discriminação por conta do seu grupo étnico:

*“Quando há algum problema no seio dos deslocados, os macuas daqui de Meconta sempre se queixam dos macondes só, eles não percebem que no meio das pessoas que fugiram da guerra em Cabo Delgado, não há só Macondes, há macuas e muanis, eles pensam quem vem de Cabo Delgado é Maconde só. Não reclamam dos muanis; Se você encontrar um macua só vai ouvir ele reclamar dos macondes, enquanto fugimos todos para aqui, Muani, Macua, Maconde. Mas basta ser deslocada é considerado Maconde. Parece que em Cabo Delgado não tem outras línguas, parece que só há macondes só; mas aqui tem muanis, tem macuas (Entrevista com JRZ, Meconta, 7.12.2023).”*

Como consequência, a sua relação com os vizinhos não é assim tão boa. Os proprietários das casas arrendadas estão constantemente a despejá-las mesmo tendo condições de pagar a renda de casa. As entrevistadas afirmaram terem sido sucessivamente despejadas de residências anteriores não por falta de pagamento da renda, mas por serem do grupo étnico maconde. Mais do que uma questão étnica, estas tensões se explicam mais pela luta no acesso a recursos nomeadamente serviços públicos, ajuda alimentar; água, marido, entre outros que se já eram escassos antes do conflito armado, ficaram mais exíguos com a chegada dos deslocados. De salientar que no caso das disputas no acesso à água, algumas mulheres macuas alegavam que as macondes estavam a “acabar” água; que com a chegada dos deslocados, a falta de água tinha se intensificado. O mesmo em relação aos hospitais: os deslocados, neste caso, os macondes são acusados de sufocar os serviços de saúde local. Se os medicamentos já não chegavam para todos, hoje com a presença dos deslocados, a situação é dramática.

Em relação a ajuda humanitária, as mulheres internamente deslocadas em Namialo foram unânimes em afirmar que são poucas as vezes que receberam ajuda humanitária e das vezes que receberam ajuda, foi por meio de um cartão-cheque num valor que ronda os 4230 meticais, que o beneficiário devia usar num comerciante previamente indicado pela equipa que fazia a distribuição dos cartões. As beneficiárias

<sup>12</sup>Diferentemente das mulheres entrevistadas noutros locais, as de Meconta, já tinham beneficiado do treinamento em matérias de Paz e Segurança orientado pela OPHENTA no âmbito do projecto “Elas por Elas”.

reclamam que os preços dos produtos nestes comerciantes eram elevados em comparação com os demais estabelecimentos.

Por outro lado, a pesquisa constatou que as mulheres internamente deslocadas em Nampula apresentam algumas semelhanças com as mulheres internamente deslocadas em Cabo Delgado na sua relação com as comunidades acolhedoras. As mulheres nativas em Nampula e Cabo Delgado olham as mulheres viúvas internamente deslocadas como uma ameaça à estabilidade dos seus lares, alegadamente porque podem roubar os seus maridos. Uma das mulheres nativas entrevistadas em Namialo, afirmou ter acolhido uma mulher viúva internamente deslocada e os seus filhos, porque na altura não tinha marido. Afirmou que actualmente não faria tal gesto novamente porque já tem um marido. E para não ter problemas em sua casa, criou condições de arranjar uma casa próximo à sua machamba para a mulher e os filhos que acolheu.

*“Eu posso dizer que não tinha medo porque não tinha marido. Mas as outras desconfiavam que ao acolher mulheres deslocadas pudessem perder os seus maridos. Muitas tinham desconfiança, ..., mas se fosse casada também não iria acolher mulheres deslocadas por receio de me arrancarem marido. (Entrevista com F.F, Meconta, 11.12.2023)”.*

Olhando para as dificuldades que afectam estritamente as mulheres, as deslocadas internas em Nampula também apontam para a falta de produtos de higiene íntima, com destaque para pensos. Durante o período menstrual elas tem recorrido a pedaços de pano e capulanas para a sua higiene e afirmam que esta situação afecta a sua dignidade como mulheres.

As mulheres internamente deslocadas em Namialo, também partilharam o facto de sofrerem restrições no acesso a fontanários públicos, alegadamente porque sujam e tornam a água impura. A falta de produtos de higiene íntima e as dificuldades no acesso a água potável como já foi mencionado, também foram constatadas em Sofala e Cabo Delgado.

### **Mulheres ex-guerrilheiras**

As mulheres ex-guerrilheiras avançam a principal dificuldade que enfrentam está relacionada com a falta de informação sobre os procedimentos ou documentos necessários para poderem receber algum apoio ou pensão. Elas afirmam não saber que tipo de documentos devem tratar e onde. Como resultando, a maioria das ex-guerrilheiras entrevistadas não recebem nenhum tipo de apoio.

*“O que nós queremos, é saber como fazer para ter os documentos necessários, o que a pessoa deve fazer para tratar esses documentos e seremos beneficiadas. (Entrevista com F.M, Meconta, 08.12.2023)”.*

As mulheres ex-guerrilheiras afirmaram que gostariam que o Governo local, e os líderes comunitários tivessem conhecimento de como e que documentos são necessários para serem contempladas pela pensão. Esta situação também foi constatada em noutros locais abrangidos pela pesquisa principalmente Sofala, onde há um número significativo de mulheres ex-guerrilheiras.

## Mulheres Viúvas

As mulheres viúvas entrevistadas, afirmaram que após a morte dos seus maridos, seja por doença ou algum tipo de acidente, tem sido acusadas pelas famílias dos maridos de os terem matado. E como consequência, a família do marido arrancou todos os bens, deixando a mulher viúva e os seus filhos desamparados. Também tem sofrido alguma discriminação por parte da comunidade. Por isso, têm enfrentado dificuldades para ter outro relacionamento, pois, os outros homens têm receio de se relacionar com elas.

*“Não me caso, porque dizem que quando morre o marido, a mulher é que matou e os homens se afastam. dizem que matei o meu marido (Entrevista com L.C, Meconta, 13.12.2023)”*

Para estas mulheres, o sofrimento é duplo: perda do marido e rejeição pela comunidade. Algumas mulheres disseram que até são rejeitadas pelos seus próprios filhos.

## Mulheres e Filhos de Ex-combatentes

As mulheres e filhos de ex-combatentes afirmam que após a morte do seu pai/marido verifica-se a suspensão da pensão que o seu pai/marido vinha recebendo, e quando entram em contacto com as instituições responsáveis pelos combatentes, são informados da necessidade de apresentar alguns documentos, que por diversas razões, entre elas, financeiras são difíceis de obter. E como consequência, alguns dependentes de ex-combatentes acabam desistindo deste processo.

*“Nosso pai morreu em 2022, dia 19 de Maio. Quando ele morreu, nós recebemos pensão até ao mês de Agosto. Depois daí, não recebemos mais nada. (Entrevista com S.A, Meconta, 8.12.23)”*

Esta situação também prevalece em Sofala e Cabo Delgado. É preciso notar, que muitas destas mulheres vivem em condições difíceis, algumas delas optando por se refugiar no álcool.

## Mulheres com Deficiências

As mulheres deficientes para além da discriminação que sofrem no dia a dia, e de dificuldades materiais e financeiras, afirmam que dependem estritamente das suas famílias em quase todos os aspectos da sua vida diária. Queixam-se da ausência de apoio estatal particularmente, das instituições de proteção social.

*“Tenho sofrido muito, principalmente por parte das outras mulheres, tem me ofendido por causa dessa minha deficiência visual. [...] para fazer os trabalhos domésticos dependendo dos meus familiares, tentei ir a machamba algumas vezes, e fazer algumas tarefas, mas sempre acabei me ferindo”. (Entrevista com A.Z, Meconta, 11.12.23).*

Há casos de mulheres deficientes, que foram abandonadas pelas suas famílias durante, não se sabendo o seu actual paradeiro. Um relatório sobre a situação da mulher deficiente em Sofala publicado em 2021 pela Light For The World, mostrava que os abusos e discriminação contra pessoas deficientes, particularmente mulheres, começava no seio das famílias. Este relatório também sublinhava a existência de muitas mulheres com deficiência abandonadas com filhos pelos seus parceiros (LFW 2023); outros casos relacionam-se com a falta de equipamentos para suprir as necessidades nomeadamente, cadeiras de rodas, canadianas entre outros. Nos centros de deslocados onde foram realizadas as entrevistas, não tinha nenhum registo de apoio dirigido aos deficientes ou à mulher deficiente.

## Mulheres Chefes de Família

Aqui deu-se especial atenção, às mulheres divorciadas, separadas ou abandonadas pelos maridos. Trata-se de mulheres que tem de cuidar dos filhos, mas a maior parte não tem fonte de rendimento nem recebem alguma pensão ou ajuda. A dificuldade apontada pelas mulheres chefes de família é a falta de condições para alimentar e cuidar dos seus filhos. Grande parte das mulheres que foram entrevistadas pediam apoio em alguma forma de negócio, como criação de frangos, corte e costura, culinária, que pudesse gerar renda para alimentar as suas famílias, e custear as despesas de educação e saúde dos filhos:

*[...] Eu gostaria de fazer negócio e levar aquele dinheiro, meter os meus filhos na escola, quem sabe através de lá na escola podiam se formar e me ajudar amanhã visto que eu já estou um pouco velha. (Entrevista com J.A, Meconta, 13.12.23)“.*

Algumas destas mulheres se queixam que os ex-maridos não dão assistência aos filhos mesmo tendo condições de fazê-lo, pedindo ajuda a quem de direito para reverter a situação. Entretanto outras, acham que como os ex-maridos tem outras famílias, já não tem obrigação de lhes ajudar, podendo fazê-lo se lhes apetecer. Outras que no acto da separação ou divórcio foram expulsas das suas casas pelos maridos e tiveram de sair com os seus filhos, acham que “nada tem a reivindicar, pois não foram elas que construíram as casas.”

## Conclusão

Com base no trabalho realizado ao longo da pesquisa, foi possível constatar que são as mulheres quem mais tem sofrido severamente as consequências dos conflitos armados e de outras formas de violência.

Destacam-se aqui, casos de mulheres que sofrem com os traumas da perda de membros das suas famílias, violação ou abuso sexual, desestruturação das famílias como consequência dos conflitos armados. Se as mulheres são as mais afectadas pelos conflitos militares, os períodos pós-conflitos também pesam mais para elas, com as que participaram activamente nos combates a serem excluídas dos processos de reintegração e as que perderam seus maridos a enfrentar dificuldades para receber a respectiva compensação ou qualquer tipo de assistência.

Pese embora Moçambique seja recorrentemente assolado por vários conflitos armados desde a sua independência em 1975, verifica-se que a mulher tem sido pouco incluída nos processos de tomada de decisão sobre paz e segurança ou de resolução de conflitos. E nos casos que a mulher é incluída, a crítica reside no facto de não se ter em conta a mulher que foi vítima do conflito mas apenas, a inclusão de mulheres com um certo nível de escolaridade.

Grande parte das mulheres vítimas dos conflitos armados, desconhece o papel da mulher como actor preponderante na prevenção, mitigação de conflitos e promoção da paz no seio das comunidades, delegando este papel aos homens e aos beligerantes envolvidos nos conflitos armados. Embora haja progressos notáveis no que diz respeito à participação das mulheres em posições políticas decisórias, ou em espaços de diálogo e resolução de conflitos, que directamente lhes afectam ou afectam seus próximos, o seu envolvimento ainda é insignificante.

As mulheres, líderes de organizações que trabalham com mulheres vítimas dos diferentes conflitos armados que a equipe de pesquisa entrevistou afirmam que as mulheres vítimas dos conflitos armados deviam desempenhar um papel mais activo nos processos de tomada de decisão sobre questões de paz e segurança. Embora ainda persistam desafios é possível notar o impacto significativo na melhoria de vida das mulheres beneficiárias do projecto “Elas por Elas- Na Paz e Segurança” Esta melhoria constata-se através da partilha e difusão dos direitos das mulheres em contextos rurais, capacitação em matérias de Paz e Segurança, que as tem dotado de capacidades de resolução de conflitos nas comunidades, contribuindo para uma paz sustentável

## RECOMENDAÇÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS

- Recomenda-se que ao nível das comunidades, se privilegiem campanhas de capacitação e consciencialização das mulheres vítimas dos conflitos armados como actores importantes na promoção da Paz e Segurança;
- Aconselha-se o incremento do uso maciço das rádios comunitárias em línguas locais para a divulgação dos direitos das mulheres;
- Recomenda-se que as organizações de ajuda humanitária olhem para as questões que afectam estritamente as mulheres internamente deslocadas, como a falta de productos de higiene íntima;
- Sugere-se que as organizações humanitárias, junto com o Governo e OSC incrementem os programas de apoio psicológico aos deslocados internos;
- Recomenda-se que o Governo, as organizações humanitárias e OSC, privilegiem programas e actividades de reintegração social, afim de minimizar as tensões entre os locais e os “vientes”;
- Como forma de salvaguardar o direito a saúde e educação sugere-se que os campos de deslocados na medida do possível, possam ser estabelecidos próximos a hospitais, escolas e fontes de abastecimento de água;
- Aos diferentes actores responsáveis pelo apoio às vítimas do conflito armado, sugere-se que para além de privilegiar o aspecto material e alimentar, priorizem também o acompanhamento psicológico das vítimas do conflito armado. A introdução de actividades culturais e recreativas pode ser um dos caminhos para aliviar os traumas. As pessoas não só morrem em virtude da fome, mas em das consequências traumáticas dos conflitos armados;
- Recomenda-se que ao Estado, OSC e outras entidades a prestar atenção especial à mulher deficiente;
- Nos diferentes fóruns de tomada de decisão a nível local, deve-se sempre que possível, se encorajar a inclusão e participação da mulher.

## RECOMENDAÇÕES PARA PESQUISA

- De modo a aferir-se a real situação das mulheres deslocadas em zonas afectadas por conflitos armados, recomendamos que as autoridades facilitem o acesso das organizações de pesquisa a estes campos. Actualmente, tem sido difícil as instituições de pesquisa não governamentais trabalharem nestes locais. Esta situação impede que se tenha conhecimento fidedigno e imparcial sobre a vida dos afectados pelo conflito armado no norte de Moçambique Cabo Delgado;
- A pesquisa em coordenação com outros actores-chave, devia-se concentrar mais em analisar e produzir recomendações sobre os efeitos psicológicos dos conflitos armados e violação dos direitos das mulheres nas comunidades;
- A pesquisa devia se dedicar a estudar e a produzir recomendações sobre as melhores formas de inclusão das mulheres em fóruns e processos de prevenção e resolução de conflitos.

## REFERÊNCIAS

CICV (2022) *Moçambique: como melhorar a saúde mental da comunidade afectada pelo conflito?* Disponível em : <https://www.icrc.org/pt/document/mocambique-como-melhorar-saude-metal-da-comunidade-afetada-pelo-conflito>. (Consultado a 21 de Abril de 2024).

CIP (2023) *O Outro Lado da Guerra: Prostituição e Exploração Sexual de Mulheres Deslocadas em Cabo Delgado*. Disponível em: <https://www.cipmoz.org/wp-content/uploads/2023/05/O-Outro-Lado-da-Guerra-1.pdf> (Consultado 12 de Setembro de 2024).

DW (2024) *Cabo Delgado: Quase 100 mil deslocados em menos de um mês*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/cabo-delgado-quase-100-mil-deslocados-em-menos-de-um-m%C3%AAs-oim/a-68441393>. (Consultado a 3 de Março de 2024).

International Organization for Migration (2023), *Displacement Tracking Matrix: Cabo Delgado Conflict*. Disponível em: [Displacement Tracking Matrix \(iom.int\)](https://www.dtm.iom.int/). (Consultado a 2 de Abril de 2024).

LFW (2023) *Género e deficiência em Sofala, Moçambique*. Disponível em: [https://www.licht-fuer-die-welt.at/app/uploads/sites/8/2021/11/Light-for-the-World\\_Gender-Analyse\\_PT.pdf](https://www.licht-fuer-die-welt.at/app/uploads/sites/8/2021/11/Light-for-the-World_Gender-Analyse_PT.pdf) (consultado a 7 de Outubro de 2024).

LWB Canada (2019) *Impacto dos conflitos armados na vida das mulheres e raparigas em Moçambique*. Disponível em: [https://mozambique.fes.de/fileadmin/user\\_upload/PDF\\_Files/Relatorio\\_ASF\\_CEEI\\_UJC.pdf](https://mozambique.fes.de/fileadmin/user_upload/PDF_Files/Relatorio_ASF_CEEI_UJC.pdf) (Consultado a 20 de Setembro de 2024).

OCHA (2023), *Mozambique Cabo Delgado, Nampula & Niassa Humanitarian Snapshot*. Disponível em: <https://www.unocha.org/publications/report/mozambique/mozambique-cabo-delgado-nampula-niassa-humanitarian-snapshot-august-2023-enpt>. (Consultado a 6 de Março de 2024).

IOM MOZAMBIQUE (2024a). *Northern Mozambique: multi-sectoral location Assessment-Round 14*. Disponível em: <https://dtm.iom.int/reports/multi-sectoral-location-assessment-mozambique-northern-round-14-august-2024> (consultado a 11 Setembro de 2024).

OIM MOZAMBIQUE (2024b) *Assessment of Displacement Dynamics Mozambique (January 2024)* Disponível em: <https://dtm.iom.int/sites/g/files/tmzbdl1461/files/reports/Mozambique%20Mobility%20Tracking%20Assessment%20Report%2020%20-%20January%202024.pdf> (consultado a 11 Setembro de 2024).

UNSC (2000). *Landmark resolution on Women, Peace and Security: Resolution 1325*. Disponível em: <https://www.un.org/womenwatch/osagi/wps/#resolution> (consultado em 12 de fevereiro de 2024).

UNSDG (2024). *First-Hand Witness: How Mozambique is tackling Violence Against Women and Girls with the Spotlight Initiative*. Disponível em: <https://unsdg.un.org/latest/videos/first-hand-witness-how-mozambique-tackling-violence-against-women-and-girls-spotlight#:~:text=In%20Mozambique%2C%20almost%2080%20per,and%20communities%20in%20the%20country>.

VOA Moçambique (2023) *Cerca de um milhão de deslocados no Norte de Moçambique sem ajuda do PAM por falta de Verbas*. Disponível em :<https://www.voaportugues.com/a/cerca-de-um-milh%C3%A3o-de-deslocados-no-norte-de-mo%C3%A7ambique-sem-ajuda-do-pam-por-falta-de-verbas/6944989.html>. (Consultado a 4 de Março de 2024).

Wiegink, Nikkie (2015). "Former Military Networks a Threat to Peace? The Demobilisation and Remobilization of Renamo in Central Mozambique". *Stability: International Journal of Security & Development*, 4(1): 56, pp. 1–16.

## **Anexos:**

### **Guião dos Questionários das entrevistas**

**a) Mulheres líderes que trabalham em organizações que olham para a questão das mulheres (saúde, proteção, direitos humanos e das crianças) nos campos de deslocados em Cabo Delgado e Nampula,**

1. Bom dia, como está? Pode nos dizer o seu nome, idade, local de nascimento e seu local de trabalho?
2. Pode nos descrever o seu trabalho?
3. Como descreve a situação das mulheres no conflito armado em Cabo Delgado?
4. Como descreve a relação entre as mulheres internamente deslocadas com as mulheres nativas?
5. Acha que há um tratamento igual entre Homens e Mulheres nos Campos dos deslocados?
6. Acha que o actual conflito armado em Cabo Delgado afecta de forma diferente os Homens e as Mulheres?
7. Acha que há uma diferença de tratamento entre as mulheres nos campos deslocados?
8. Como descreve a participação da mulher nos espaços de tomada de decisão como os Conselhos Consultivos e os Comitês de Gestão de Recursos Naturais?
9. Na sua opinião, a mulher tem espaço para procurar soluções para este conflito armado? Acha que a voz da mulher é ouvida?
10. Na posição que ocupa, e na sua relação com o governo, com outras organizações da sociedade civil, sente que é tratada de forma diferente por ser mulher?
11. Qual é a sua percepção sobre o papel do Governo, das Organizações da sociedade civil e das organizações de ajuda internacional?
12. O que a sua organização tem feito para melhorar a situação das mulheres afectadas pelos conflitos armados e outras formas de violência?

**b) Mulheres internamente deslocadas pelo conflito armado em Cabo Delgado que lideram actividades dentro dos campos de deslocados em Cabo Delgado e Nampula e; c) Mulheres deslocadas pelo conflito armado em Cabo Delgado e Nampula que não ocupam nenhuma posição.**

1. Bom dia/Boa tarde-. Antes demais, pedíamos que se identificasse (nome, idade, estado civil e naturalidade)
2. Pode nos explicar porque e há quanto tempo vive no campo dos deslocados?
3. Pode nos falar sobre a sua vida na sua terra natal, antes do conflito armado?
4. Fale do seu dia-a-dia aqui no centro dos deslocados.

5. Pode nos dizer como e quem lhe escolheu para ser “chefe do campo dos deslocados? E o que é que faz como chefe dos deslocados (só para as chefes dos deslocados)?
6. Como descreve a situação das mulheres neste conflito?
7. Como descreve a relação entre as mulheres internamente deslocadas com as mulheres nativas? Acha que há um tratamento igual entre Homens e Mulheres nos Campos dos deslocados?
8. Acha que o conflito armado afecta de forma diferente os Homens e as Mulheres?
9. Quais são os principais conflitos que afectam as mulheres e os deslocados aqui nesta zona?

#### **d) Entrevistas com mulheres deficientes**

1. Bom dia//Boa tarde-. Antes demais, pedíamos que se identificasse (nome, idade, estado civil e naturalidade)
2. Pode nos dizer quais são os principais problemas que enfrenta no seu dia- a-dia?
3. Recebe algum apoio do Estado ou de uma outra entidade?
4. O que acha que deve ser feito para se lidar com pessoas portadoras de deficiência?
5. Tem alguma coisa que gostaria de partilhar conosco sobre a situação da mulher portadora de deficiência?

#### **e) Entrevistas com mulheres ex-guerrilheiras**

1. Bom dia//Boa tarde-. Antes demais, pedíamos que se identificasse (nome, idade, estado civil e naturalidade)
2. Pode nos descrever como ingressou na vida militar?
3. Qual era o seu papel como guerrilheira?
4. Quais são os desafios das mulheres guerrilheiras?
5. Pode nos falar do processo de desmobilização e reintegração?
6. Tem recebido pensão ou outro tipo de ajuda?
7. Tem alguma coisa que gostaria de partilhar conosco?

#### **f) Entrevistas com mulheres de ex-combatentes/viúvas**

1. Bom dia//Boa tarde-. Antes demais, pedíamos que se identificasse (nome, idade, estado civil e naturalidade)
2. Fale da sua vida no dia-a dia
3. Pode nos falar do seu ex - esposo?

4. Era do exército governamental ou da Renamo (só paras as mulheres de ex-combatentes)?
5. Quando e como ele morreu?
6. Quais as principais dificuldades que tem enfrentado como mulher de um ex-combatente (ou viúva)?
7. Tem recebido pensão ou outro tipo de ajuda?
8. Tem alguma coisa que gostaria de partilhar conosco?

## Imagens



Entrevista com deslocadas internas no campo de deslocados de Nanhupo B, Namanhumbir: Foto tirada por: uma deslocada pelo conflito armado, Montepuez 02/11/2023.



Entrevista com Graça Samuel, Adjunta Chefe do Comité de deslocados de Mocimboa da Praia, em Nanhupo A - Namanhumbir. Foto tirada por : um deslocado do conflito armado, Montepuez, 03/11/23.



Entrevista com Maria de Lurdes Namarcolo, líder da Plataforma das organizações da Sociedade Civil em Montepuez. Foto tirada por um funcionário da AMEC, Montepuez, 07/11/2023.



Sessão de teatro emonstrandomomentos vividos pelas Mulheres durante a "guerra civil", foto tirada por Júlio Rito. Centro Comunitário Carinhosa Aissa, Nhamatanda – Sofala, 18/11/2023.



Entrevista com mulheres vítimas do conflito político – militar entre o governo e a JMR. Foto tirada por: uma deslocada de guerra . Nhamatanda – Sofala, 16/11/2023.



Entrevista com Dulce Fernando Tapera, líder do Centro Comunitário Carinhosa Aissa, local que acolhe crianças e mulheres vulneráveis: vítimas de diversas formas de violência e calamidades naturais. Foto tirada por: Júlio Rito, Nhamatanda – Sofala 15/11/2023.



Entrevista com Atija Salazar uma “sentinela da paz” com problemas visuais formada pela OPHENTA. Foto tirada por: Joana Augusto facilitadora da GCR, Meconta – Nampula 11/12/2023.



Encontro com as “sentinelas da paz” formadas pela OPHENTA. Foto tirada por: Júlio Rito, Meconta - Nampula 14/12/23.

# Contacte - nos

---

Endereço:

(+258) 21 486043

E-mail: [iese@iese.ac.mz](mailto:iese@iese.ac.mz)

142 R. Macombe Makossa, Maputo

